

# EM TORNO DE UM CONCEITO ATUAL DE UNIVERSIDADE

Braz José de Araujo <sup>(1)</sup>

**RESUMO:** *Partindo de uma conceituação atual de universidade, o artigo sustenta que não existiu e ainda não existe uma política coerente em relação às universidades no Brasil. Apesar disso, algumas delas – como a USP – têm enormes potencialidades. O desenvolvimento industrial e político do País exige modernização das universidades. No caso da USP, aponta desafios básicos: consolidação do sistema de mérito, flexibilidade organizacional e institucional com competência administrativa, capacidade e competência para atender às consultas do sistema produtivo e da sociedade, a fim de que a USP possa contribuir mais efetivamente com o desenvolvimento científico e tecnológico nacional.*

**ABSTRACT:** *Under a current concept of University, this paper holds up that in Brazil a coherent policy on University has never been made out. In spite of it, some of them – as the University of São Paulo – have wide potenciality. The industrial and political development of the country calls for a simultaneous modernization of the Universities. The University of São Paulo case points up some challenges: strenghtening on aptitude, organization and institutional flexibility together with administrative efficiency, excellence to supply the productive system and the society demands in order that the University of São Paulo would actually contribute to the national scientific and technological development.*

## Apresentação

A Revista *Ciência e Cultura*, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), publicou em julho de 1985 um suplemento com o título: *“Universidade Brasileira: Organização e Problemas”* (Ciência e Cultura, 1985), reunindo contribuições significativas de especialistas reconhecidos nas temáticas abordadas. Nota-se nesta publicação que os diagnósticos da universidade brasileira são diferenciados, que as concepções de universidade de Dallari, Hossne, Veiga, Oliveira, Santos, Giannotti, Durham e Schwartzman não são homogêneas. Tudo isso é normal em um quadro de discussões pluralistas. Assim, cabe ainda uma pergunta: qual o conceito que se pode formular de universidade em um país como o Brasil, no final do século XX? O presente artigo pretende sugerir ao leitor algumas linhas de reflexão para respostas à pergunta acima formulada.

## Definição de Universidade

A universidade em seu sentido moderno se constitui e se fortalece na dinâmica da revolução industrial e de seus efeitos econômicos, sociais e políticos. Não por acaso, esta universidade moderna vai sur-

---

(1) Professor Adjunto do Programa de Ciência Política da FFLCH—USP

gindo na segunda metade do século XIX e durante o século XX em países como Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos, Japão, União Soviética. Existem, portanto, diferentes modelos de universidade dentro de um universo de parâmetros comuns.

É no âmbito desses parâmetros comuns que se pode tentar formular uma definição atual de universidade, aproveitando-se das contribuições de BEN-DAVID (1974). As universidades são organizações dedicadas a possibilitar o avanço do saber e do saber-fazer. Ensinam, formam e avaliam o desempenho dos estudantes em variados campos intelectuais, científicos e profissionais. As atividades intelectuais no âmbito das universidades definem os níveis de competência mais elevados nos respectivos campos através da pesquisa básica e da pesquisa aplicada ou da aplicação tecnológica da ciência, níveis estes reconhecidos pela própria comunidade científica e pelas sociedades das quais esta comunidade é parte.

Assim, a universidade é âmbito do *inventar* da descoberta, da nova teoria, de um novo processo, material ou dispositivo. É âmbito do *pesquisar*, ou seja, do trabalho para descobrir algo novo, algumas vezes buscando apenas novos conhecimentos sem se preocupar com sua aplicação comercial ou sua relação imediata como serviço à comunidade. A universidade é âmbito do *innovar*, ou seja, da busca da aplicação tecnológica da ciência, de um processo completo permitindo reconhecer uma necessidade, identificar uma nova solução, desenvolver um processo, produto ou serviço com atrativo econômico, podendo desempenhar um papel fundamental na inovação tecnológica ou em pesquisa & desenvolvimento (Cerqueira Neto, 1986, p. 175-77).

Assim, em um conceito atual de universidade, deve haver uma estreita e profunda relação entre ensino e pesquisa nos variados campos intelectuais, científicos, culturais e profissionais, indispensável para a *formação de cientistas e de profissionais altamente qualificados*. Universidade que se preocupa apenas com o ensino tende a se mediocrizar a si própria, a seus professores e a seus estudantes. Universidade que só faz pesquisa básica tende a perder sua universalidade e a se transformar em uma espécie de instituto especializado de ciência pela ciência. Uma orientação exclusiva para a pesquisa aplicada a confundiria com instituto de pesquisa de empresa ou de governo. Universidade que se preocupa apenas com *democracia* tenderá a cultivar a anarquia, a consolidar o caos, a afugentar os mais competentes e a socializar o que Giannotti chama de "*ideologia do baixo clero*" (Giannotti, 1926, p. 38-9).

Assim, aprofundando a reflexão sobre o conceito atual de universidade, podemos chegar com mais clareza às características que uma universidade de verdade deveria evitar no final do século XX.



Reprodução: Osvaldo José dos Santos

**Foto 1.** *Universidade: ensino, pesquisa e comunidade.*

### **Crise da Universidade: Crise de Seu Desenvolvimento e da Sociedade?**

Quase ao final do século XX, ainda não se tem clareza no Brasil do papel estratégico das universidades para o desenvolvimento econômico, social e político do País. Como se sabe, a via de desenvolvimento da nossa sociedade não é a via americana. Aqui no Brasil, como de certa forma na França, mas sobretudo na Alemanha e no Japão, coube ao Estado um papel primordial no processo de industrialização (Ben-David, 1974 – Moore Junior, 1967 e Ribeiro, 1969). Nestes últimos países, também coube ao Estado um papel decisivo na criação e desenvolvimento de universidades. Se no caso brasileiro isso também é verdade, ainda mais quando instituições de ensino superior privadas e da Igreja Católica dependem dos favores das estatais, cumpre reconhecer que as elites dominantes da sociedade brasileira nos últimos cinquenta anos não conduziram com coerência nem o processo de industrialização, nem o processo de desenvolvimento das universidades.

Em conseqüência, aquela função de mais alta responsabilidade da universidade, apontada há mais de vinte anos pelo educador Darcy Ribeiro, como a de órgão através do qual a sociedade brasileira se capacita para dominar, cultivar, aplicar e difundir o patrimônio do saber humano, encontra-se hoje ainda mal definida e pouco clara (Ribeiro, 1969, p. 160-61). Talvez já se tenha dito que o olhar sobre o conjunto universitário brasileiro perturba-se com o caos, com a incompetência, com a irresponsabilidade, com o paternalismo, com o compadrio, com o desperdício de recursos públicos escassos.

É bem verdade, temos poucas universidades no Brasil. Uma delas é a Universidade de São Paulo e porque a conheço melhor, usarei meu conhecimento dela para apontar caminhos de reflexões e ações. Quando se volta para o conceito atual de universidade, percebe-se que a USP não está em um buraco sem saída. A USP e outras universidades do País têm enormes potencialidades. No entanto, a Universidade de São Paulo apresenta-se com boa performance em muitos campos. Aliás, o conjunto das universidades estaduais paulistas ocupa lugar de destaque na produção acadêmico-científica e tecnológica das universidades brasileiras.

Aproveitando os dados de MOURA CASTRO (1985) e os distribuindo adequadamente, as quatro primeiras universidades brasileiras tiveram em 1982 a seguinte produção em publicações:

**TABELA 1. Distribuição de Publicações (1982)**

<b>Tipos de Publicações</b>	<b>USP</b>	<b>UFRJ</b>	<b>UNICAMP</b>	<b>UNESP</b>
Livros, artigos e comunicações	3.063	1.342	924	735
Livros, artigos, comunicações, teses e outros	5.131	2.729	1.339	924
Artigos internacionais	495	219	157	47
Artigos em periódicos do "Current Contents" (1973/1978)	1.178	345	448	124

Fonte: MOURA CASTRO, Cláudio. Há produção científica no Brasil? *Ciência e Cultura*, 37 (7): 175-76, jul. 1985.

Dados mais recentes do Ministério da Educação confirmam essas tendências de performance das universidades. (ver a Tabela 2)

Apesar de outros índices indicarem boas performances de algumas universidades brasileiras e da USP em particular, concordo que há uma crise na universidade e também concordo com SCHWARTZMAN (1985, p. 229-34) que esta crise não pode ser diagnosticada como essencialmente financeira, ou relacionada essencialmente com a questão da democratização ou com a estrutura organizacional. Schwartzman aponta os seguintes problemas reais da crise da universidade brasileira:

1. a universidade está deixando de ser um canal de mobilidade de ascenso social;

TABELA 2. Custos e Resultados do Financiamento do Ensino Superior (1985)

Instituições Seleccionadas	Orçamento (Cz\$ 1,00)	Nº de Docentes	Nº de Alunos Matriculados	Produção Científica **	Custo por Professor (Cz\$ 1,00)	Custo por Aluno (Cz\$ 1,00)	Custo por Produto Científico (Cz\$ 1,00)	Nº de Professores por Produto Científico *
USP *	820.193.056	4.936	49.278	13.944	166.000	16.644	58.870	2,82
UNICAMP *	419.650.272	1.808	13.474	2.221	232.000	31.145	188.946	1,22
UNESP	360.889.026	2.399	13.100	1.368	150.400	27.548	263.807	0,57 ( 2)
UERJ *	122.931.314	1.815	14.621	276	67.730	8.407	445.402	0,15 ( 7)
UFMG *	383.922.161	2.985	16.647	1.444	128.617	23.062	265.873	0,48 ( 2)
UFRJ	480.604.842	3.482	25.529	2.492	138.000	18.825	192.158	0,71 ( 1,3)
UFGO	144.674.465	1.292	8.227	37	111.976	17.585	3.910.108	0,02 ( 50)
UFES	147.459.787	1.197	9.853	11	123.913	14.966	13.405.363	0,009 (110)
UFRN	254.879.979	2.208	10.293	54	115.434	24.762	4.720.000	0,02 ( 50)

\* Universidades estaduais.

\*\* A pesquisa da Secretaria-Geral do MEC considera produto científico: artigos publicados em revistas científicas nacionais ou estrangeiras; publicação de livros ou artigos em jornais; publicação científica de congressos; teses de mestrado ou doutorado; patentes e protótipos registrados no INPI; desenvolvimento de tecnologias e de produtos; relatórios técnicos de pesquisa; prestação de assessoria ou consultoria; organização de cursos de curta duração e de eventos e exposições.

2. a universidade não é mais um centro de formação de elites;
3. a universidade está deixando de ser um centro de formação profissional;
- 4 a pesquisa se torna cada vez mais difícil na universidade. (Schwartzman, 1985, p. 230-31).

Ora, a primeira observação a fazer, é que os problemas apontados acima não podem ser generalizados para uma universidade como a USP e nem tampouco para todas as áreas de formação e de pesquisa nela existentes. Uma universidade é realmente um complexo heterogêneo, e quem conhece e vive a USP sabe disso. Tal explicitação não significa deixar de reconhecer que estes problemas são reais e/ou potenciais em algumas áreas e devem merecer atenta e séria análise.

Estou entre os que reconhecem a necessidade de seriedade nas elites políticas pluralistas emergentes no Brasil e entre os que percebem com otimismo o futuro deste país. Muitos dos problemas que hoje afetam uma universidade como a USP resultam de seu próprio desenvolvimento, e por que não dizer, de seu sucesso. Isso merece muita atenção das elites dirigentes no estado e no País, sob pena de enganos irreparáveis.

Muitas concepções em voga e relacionadas com as saídas para a crise das universidades adquirem diversos matizes, inclusive partidários, completamente deslocados das questões reais. É muito elucidativo, a este propósito, o artigo de LEO MAAR (1986) e ao qual Giannotti responde em crítica ao que chama de "*ideologia do baixo clero*" (Giannotti, 1986, p. 38). Também é muito significativa a crise de credibilidade de quase todas as associações de docentes, pois o movimento de docentes, ficando quase exclusivamente preso ao problema salarial e ao pseudo-combativismo de greves gerais por tempo indeterminado, tem contribuído para levar instituições com potencialidades a um buraco de difícil saída. Não quero citar exemplos, e os tenho em muitos, para não deslocar a polêmica proposta neste artigo.

Minha preocupação é de tornar real este conceito atual de universidade, em particular me referindo à Universidade de São Paulo. Temos problemas, mas temos saídas. Vejamos as direções apontadas por Schwartzman para sair da crise, em dimensões pertinentes à USP e dependendo fundamentalmente de suas decisões internas.

### *Consolidar o sistema de mérito*

Está mais do que amadurecida na USP a idéia de que a estabilidade do professor só deveria se dar a partir do doutoramento, fortalecendo assim o sistema de mérito vertical. Já está também madura a

idéia de promoção horizontal. No entanto, não pela simples antiguidade como propõe Schwartzman, mas também por mecanismos de avaliação a partir dos próprios departamentos. Urge propor, discutir, decidir e implementar esses mecanismos. É muito corrente a idéia de que avaliar é sinônimo de punir. Evidentemente, o sentido da avaliação é muito mais profundo e deve sempre contar com pareceres de pares respeitados. Muitas vezes, o nível de produtividade do trabalho do docente decai pelo deterioramento das condições de trabalho e/ou falta das condições adequadas de pesquisa. Um sistema de avaliação sério é muito importante para a própria universidade perceber suas insuficiências de organização e de distribuição de recursos materiais e humanos.

### *Flexibilidade organizacional e institucional*

Realizar a plena autonomia dos departamentos, inclusive financeira, torna-se muito importante para desenvolver maior eficiência na aplicação dos recursos, tanto para o ensino como para as linhas reais e potenciais de pesquisa. Tal autonomia não pode estar desligada do sistema de mérito. Como aponta Schwartzman, tanto o recrutamento como a avaliação dos professores devem adquirir rigoroso e sério sentido profissional para que os bons sejam premiados e os maus demitidos (Schwartzman, 1985, p. 232).

Aqui existe uma situação com a qual é necessário conviver, pois os princípios universais do direito negam a retroatividade das leis e afirmam o respeito aos direitos adquiridos. Vamos então conviver com os efeitos do atual sistema ainda por muito tempo. Quem é efetivo é efetivo. Mas precisamos perceber já, que nossa universidade, para o século XXI, não pode se permitir ao luxo do paternalismo. Os membros de nossa Assembléia Nacional Constituinte precisam meditar nesta questão, a fim de introduzir na universidade o princípio, segundo o qual a estabilidade só deveria ser um prêmio para a titularidade pública reconhecida da competência acadêmico-científica atestada pelos pares. Aliás, esta era uma das boas sugestões de Darcy Ribeiro na década de 60 (Ribeiro, 1969, p. 159).

### *Flexibilidade com competência administrativa*

A flexibilidade de organização exige maior competência administrativa. Como mostra a experiência norte-americana, muitos chefes de departamento o são por sua competência gerencial dos diversos assuntos acadêmicos, e se tornaram pilares fundamentais para o desenvolvimento de linhas de pesquisa existentes e/ou necessárias na área respectiva.



Foto 2. A Universidade prestando serviço à pesquisa na área de informática.

A USP, como apontamos, é muito diferenciada e heterogênea. Seria fundamental no entanto, a curto prazo, que a própria USP preparasse de forma sistemática os seus quadros de gerenciamento de projetos de pesquisa. Sondagem que realizei em três áreas (uma de engenharia, outra de ciências humanas e outra de pesquisa básica) indica que cerca de 50% do tempo dos chefes de equipes de pesquisa são gastos nas inúmeras tarefas burocráticas ligadas às diferentes fases do projeto. Este desperdício de tempo precisa ser evitado para agilizar as pesquisas, respeitar prazos, aumentar a produtividade do trabalho acadêmico e aproveitar melhor as competências disponíveis.

Que sejam os próprios chefes de departamento, que sejam profissionais especializados, urge retirar das costas de pesquisadores altamente qualificados a rotina burocrática ligada aos projetos de pesquisa. Em algumas áreas da universidade, predomina ainda uma concepção muito atrasada de disputa por chefias. Onde se constata este fenômeno, a disputa pelo poder é simples expressão do poder pelo poder. Ocupa-se um *poder* para impedir que outros façam. O resultado inevitável é o imobilismo institucional com fortes conotações conservadoras, embora muitas vezes travestido da aparência de *progressista*. Este imobilismo conservador afeta o ensino, paralisa a pesquisa e introduz o círculo vicioso da desmotivação acadêmica.

Neste campo, a USP tem diversas experiências bem-sucedidas. Precisam ser divulgadas, estudadas e socializadas para áreas onde os níveis de eficiência são insatisfatórios. Os professores não podem fi-



car esperando que as soluções venham de cima ou caiam do céu, apesar de se dizer que Deus é brasileiro. Precisam abrir-se sem preconceitos às inovações pela eficiência maior do ensino e da pesquisa de alta qualidade.

### *O ensino profissional deficiente versus ensino de alta qualidade*

A idéia de Schwartzman de acabar com o princípio da *indissolubilidade do ensino e da pesquisa* resulta talvez mais de experiência pessoal do que propriamente de um conhecimento profundo dos diferentes campos de formação profissional de uma universidade como a USP. A formação de profissionais altamente qualificados não pode estar desvinculada de pesquisas do docente, do trabalho de pesquisa em equipes e do conhecimento dos avanços tecnológicos e científicos existentes nas diferentes áreas.

Um aspecto é a função docente de transmitir conceitos básicos em cursos básicos das diferentes áreas. Esta deveria ser apenas função periódica do docente, pois é possível estabelecer um rodízio dos docentes do Departamento e, em alguns casos até da Unidade, para assumir a responsabilidade dessas disciplinas. Outro aspecto é aquele que se liga em muitos cursos a algumas disciplinas voltadas para a especialização e que exigem permanente trabalho de pesquisa para acompanhar o ritmo de desenvolvimento da área. Um terceiro aspecto do ensino está ligado à formação pós-graduada, ou seja, de especialistas altamente qualificados. Aqui dificilmente se conseguirá qualidade, se por detrás do ensino não houver o trabalho de pesquisa do docente, a criação de equipes e a participação nelas. Finalmente, um aspecto importantíssimo, a necessidade cada vez maior de ensino em cursos de especialização, atualização e extensão nas mais variadas áreas.

A demanda crescente de tais cursos explica-se somente pelas *deficiências do ensino profissional*? Ora, uma análise cuidadosa desta realidade em alguns países e mesmo em diferentes áreas da USP (engenharia, economia, administração, ciências humanas, comunicações, agronomia etc.), sem falar de áreas de "high tec" mais solicitadas, mostrará que tal demanda se relaciona fundamentalmente com a necessidade crescente de maior qualificação especializada e com necessidades de adaptação ao ritmo galopante do desenvolvimento científico e tecnológico. Portanto, diversas áreas da USP têm procurado atender a esta demanda, fato de enorme importância para a universidade e a sociedade. Isso pode indicar que a proposta de Schwartzman, neste caso, inspira-se em realidades de alguns países mais desenvolvidos, não levando em conta a situação da economia do País, as necessidades das empresas brasileiras e de outras instituições da sociedade

e do governo. Não leva também em conta a situação real da maior universidade do País, situada no mercado mais exigente do País.

## Técnica, Tecnologia, Engenharia e Universidade

Primeiramente, é necessário compreender a distinção entre *técnica* e *tecnologia*. Bunge define técnica como *“todo conjunto de conhecimentos desenvolvidos com a finalidade de aplicação na solução dos problemas da ação, ou seja, no que se chama comumente de saber-fazer. São conjuntos de conhecimentos empregados para controlar, transformar ou criar coisas ou processos, naturais ou sociais, ou seja, para atender as necessidades materiais dos homens”* (Bunge, 1980). O enriquecimento do conhecimento técnico faz assim parte de toda a experiência acumulada da humanidade em sua relação com a natureza.

No entanto, o acelerado desenvolvimento científico nos dois últimos séculos condiciona a evolução da técnica, que passa cada vez mais a ter base científica e a resolver seus problemas com base no método científico. É o conhecido salto da *tecnologia* ou *“todo o conjunto de conhecimentos empregados para controlar, transformar ou criar coisas ou processos naturais ou sociais, compatíveis com a ciência contemporânea e controláveis pelo método científico”* (Bunge, 1980).

Esta distinção é fundamental para compreender os desafios colocados à universidade no final do século XIX e durante este século. Amplia-se a divisão do trabalho no desenvolvimento científico, consolida-se a profissionalização da pesquisa. A pesquisa torna-se efetivamente qualificação necessária à carreira acadêmica. Em alguns países, a especialização engendra a substituição das antigas universidades por escolas especializadas, em outros, encaminha-se para um novo tipo integrado de universidade (que é também o modelo da USP), procurando absorver todos os campos do ensino e da pesquisa. No caso norte-americano, realizam-se estas duas tendências. Tanto existem hoje as universidades integradas de alto nível (Berkeley, Columbia, Stanford, Texas) como universidades não-vinculadas à tecnologia, lado a lado com universidades técnicas (por exemplo, MIT CALTECH etc.) e que ainda hoje servem de referência para a organização da ciência e da pesquisa em todo o mundo.

Na análise comparativa sobre as experiências de universidades nos países mais desenvolvidos neste momento, cumpre destacar quatro pontos para reflexão:

1. flexibilidade de organização da universidade para modificar-se

- segundo as necessidades e potencialidades da pesquisa científica e tecnológica, resistindo-se à burocratização;
2. recrutamento de pesquisadores competentes, com potencialidades e motivados;
  3. desenvolvimento de laboratórios de pesquisa;
  4. desenvolvimento de unidades universitárias de tecnologia, para a formação de engenheiros e a aplicação tecnológica da ciência e *com competência para atender às consultas do sistema produtivo.*

Assim, nestes países, os caminhos da industrialização acarretam mudanças importantes nas universidades. Supera-se o estágio da pesquisa pela pesquisa, da simples especulação, para se chegar ao *relacionamento mais profundo da universidade com o sistema produtivo.*

O significado cada vez maior da tecnologia transfere a unidade básica da pesquisa do indivíduo para a equipe, acarreta a necessidade de organização de laboratórios sempre atualizados nas universidades e marca uma época de importantes contribuições norte-americanas para a explicitação de conceito atual de universidade.

Assim, na França, na Inglaterra, na Alemanha e no Japão, esta nova realidade da experiência americana de difundir inovações e de aceitar multiplicidade de funções para a universidade, tende a se generalizar no contexto de especificidades locais. Até na URSS, em 1925, decreto do Comitê Central, de 12 de janeiro, estabelece a necessidade dos estabelecimentos de ensino superior se ligarem ao sistema produtivo através de consultorias (Chupronov, 1982, p. 209).

Realizam-se, portanto, diversos modelos de relação da educação superior com a pesquisa, o sistema produtivo e a sociedade, buscando-se sempre um equilíbrio renovado entre funções de pesquisa e formação profissional. A descentralização e a competição acadêmicas tornam-se mecanismos internos de autoverificação para distinguir o que é e o que não é eficiente (Ben-David, 1974, p. 233-38). É com as luzes deste processo de consolidação de universidades respeitáveis que devemos voltar nossos olhos para a USP.

### **Pesquisa: Dentro ou Fora da Universidade?**

*“A Universidade deve continuar sendo a base da parte mais importante da pesquisa que se faz no país.”* Esta é uma das colocações mais significativas de Schwartzman, e expressa uma concepção, a meu ver, generalizada na consciência da maioria uspiana. Se o Brasil não for capaz de aproveitar as universidades para o desenvolvimen-

to da pesquisa básica e aplicada, nosso país continuará irremediavelmente dependente do Exterior em setores de ponta fundamentais.

A sociedade brasileira, governo e empresas, precisam se conscientizar disso. A regra básica neste campo decisivo só pode ser uma: *flexibilidade*. E por quê? Porque, como já dissemos, existe uma heterogeneidade muito grande em uma universidade como a USP e nenhuma regra rígida pode atender às necessidades gerais e específicas. O melhor exemplo desta rigidez conservadora e imobilista é o atual sistema do Regime de Dedicção Exclusiva da USP o nosso RDIDP (Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa). O Conselho Universitário da USP, em decisão recente, manteve a rigidez de nosso sistema, ao contrário da Unicamp e da Unesp, que já realizaram suas aberturas. Tal posição conservadora da USP impede o fortalecimento de algumas áreas estratégicas de pesquisa. Perdemos profissionais altamente competentes e nos quais investimos; temos modestas condições para recrutar os melhores profissionais que nós próprios formamos. Na realidade, esta estratégia conservadora tende a expulsar a pesquisa de ponta para fora da Universidade, seja para institutos, seja para centros especializados e até para as empresas. Ora, *os custos sociais para o incentivo à pesquisa dentro da Universidade*, em um país como o Brasil, são bem menores.

*A USP precisa urgentemente se abrir às consultorias*. Enganam-se aqueles que imaginam a consultoria como necessidade exclusiva das áreas de engenharia da Escola Politécnica. Com um sistema político mais aberto, abrem-se também as possibilidades de interação universidade/sociedade, universidade/empresas, universidade/centros de pesquisa externos. Tal interação é fundamental para trazer a pesquisa para a universidade, contribuindo para a consolidação de equipes de pesquisa envolvendo docentes e estudantes graduados e pós-graduados. Tal dinâmica é decisiva para a universidade moderna atual. Sem esta abertura, a pesquisa tenderá a se fazer fora da universidade. Tal como ocorreu e ocorre em muitos países avançados, se a pesquisa se desenvolve prioritariamente fora da universidade e sem a participação dela, uma universidade como a USP perderá rapidamente suas competências e potencialidades e até o ensino se tornará medíocre, inadequado para as exigências do mercado de trabalho público e privado e para as exigências das novas demandas culturais.

A saída para a USP é bastante clara: continuar a valorização do RDIDP e da profissão do docente, atrair mais professores para a dedicação exclusiva em algumas áreas, abrir-se para a possibilidade de consultorias nas diferentes áreas, controlar esta abertura através da seriedade conjunta dos departamentos e comissões superiores. Tam-

bém por isso se deve reafirmar a necessidade do aperfeiçoamento dos mecanismos de avaliação, pois de sua seriedade também depende o futuro da respeitabilidade da universidade.

Por outro lado, é muito importante institucionalizar uma carreira permanente de pesquisadores profissionais através do CNPq, Fapesp e outras instituições de apoio à pesquisa (Schwartzman, 1985, p. 233). Mas também é necessária uma maior flexibilidade da universidade para acolher pesquisadores profissionais a fim de criar e/ou estabelecer determinadas linhas de pesquisa ou fortalecer desempenho de projetos específicos com a participação destes pesquisadores.

Por conseguinte, não é por acaso que a USP procura dinamizar todas as dimensões da cooperação internacional e a assinatura de convênios com instituições públicas e privadas existentes no território nacional. A agilização dessas aberturas e a competência de seus gerenciamentos tornam-se indispensáveis para a própria atualização da universidade com os setores de alta tecnologia e com pesquisas de vanguarda. Tudo isso uma boa universidade como a USP pode fazer. Mas é importante conscientizarmo-nos crescentemente contra o conservadorismo imobilista.

As dimensões heterogêneas de poder na universidade precisam efetivamente de aperfeiçoamentos democráticos. Mas o democratismo populista e demagógico tem liquidado algumas instituições de ensino superior com muitas potencialidades. Isso já aconteceu em alguns países e está acontecendo no Brasil. O ensino e a pesquisa na USP podem continuar sendo um dos canais disponíveis para ascensão e mobilidade social, um dos centros para a formação das elites pluralistas de que o País necessita, continuar sendo um dos melhores centros de formação profissional e de pesquisa do País.

Nossa responsabilidade com uma USP atual, moderna e séria, pluralista e competente, é um compromisso com o futuro de nosso país. Este futuro exige que não fiquemos fechados em uma suposta torre de marfim, pois a universidade pode ser um poço de lama. Não é o que queremos.

### Referências Bibliográficas

- 1 — BEN-DAVID, Joseph. *O papel do cientista na sociedade: um estudo comparativo*. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1974 — (University in Encyclopaedia of Social Sciences).
- 2 — BUNGE, M. *Epistemologia*. São Paulo, T.A. Queiros/EDUSP, 1980.

- 3 – CERQUEIRA NETO, E.P. O recurso tempo no processo de inovação tecnológica. *Boletim Técnico PETROBRAS*, 29(2): 175-77. abr./jan. 1986.
- 4 – CHUPRONOV, D. et alii. *Enseignement superieur, emploi et progrès technique en URSS*. Paris, UNESCO, 1982. p. 209.
- 5 – CIÊNCIA e CULTURA, v.37. n.7 jul. 1985. Suplemento.
- 6 – GIANNOTTI, J.A. O debate da competência na universidade: minha resposta. *Novos Estudos CEBRAP*, (16): 38-9, dez. 1986.
- 7 – LEO MAAR, Wolfgang. O debate da competência na universidade. *Novos Estudos CEBRAP*, (16): 32-7 dez. 1986.
- 8 – MOORE JUNIOR, Barrington. *Social origins of dictatorship and democracy: lord and peasant in the making modern world*. Boston, Beacon, 1967.
- 9 – MOURA CASTRO, Cláudio. Há produção científica no Brasil? *Ciência e Cultura*, 37(7): 165-87, jul. 1985.
- 10 – RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- 11 – SCHWARTZMAN, Simon. O que fazer com a universidade? *Ciência e Cultura*, 37(7): 229-34, jul. 1985.

#### FICHA CATALOGRÁFICA

ARAÚJO, B. J. Em torno de um conceito atual de Universidade. *Revista da Universidade de São Paulo*. São Paulo, (5): 21-34, jun. 1987.